

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Natalina Rosa

registada em 2008-09-08
por

Liliana Monteiro, Carla Aguiar e Cláudia Simões

Natalina Rosa

Natalina Rosa nasceu no dia 22 de Janeiro de 1915, nos Pardieiros, na Rua Torta, à praça. Os pais chamavam-se Maria Rosa e António Francisco. A mãe “trabalhou no campo e criou oito filhos”, o pai foi empregado no Ministério das Finanças e depois de reformado fazia colheres de pau. Natalina não foi para a escola, “não queriam que as raparigas aprendessem a ler”. Aprendeu a escrever o nome e a ler o jornal, com a ajuda de Deus. Sempre de agulha na mão, recorda os bordados, as cantigas e os teatros que fazia. Trabalhou como criada em Lisboa, onde conheceu o seu marido, ao sacudir o pano do pó à janela. O seu destino estava guardado para ele. Sem pressa, foi com 33 anos que se casou. Depois de casada foi morar para Chaves e voltou para os Pardieiros já viúva.

Índice

Identificação Natalina Rosa.....	4
Ascendência "Os meus pais".....	4
Lugar "Andava tudo cultivado".....	6
Casa Uma casa muito jeitosa.....	8
Educação "As raparigas não precisavam de saber ler".....	8
Namoro "Eu fui sempre muito fidalga no rapaz".....	11
Casamento "Um vestido e um veuzinho na cabeça".....	14
Costumes Festas, doces e mezinhas.....	16
Migração Elas a trabalhar a terra e eles em Lisboa	21
Percurso profissional A gente naquele tempo sabia fazer tudo.....	24
Pessoas "Doutor Vasco de Campos e o tio Zé Augusto Pinto".....	25
Lazer Bordados, cantigas e teatro.....	25
Religião "Eu tenho muita fé em Deus!".....	29
Quotidiano "Só cá ficam os velhos".....	30
Sonhos "Saber mandar naquilo que é preciso".....	31
Avaliação "É preciso saber o que se passou".....	31

Identificação *Natalina Rosa*

O meu nome é Natalina Rosa. Nasci no dia 22 de Janeiro de 1915, nos Pardieiros, na Rua Torta, à praça.



Natalina Rosa

Ascendência "*Os meus pais*"

Os meus pais chamavam-se Maria Rosa e António Francisco.

A minha mãe trabalhou no campo e criou oito filhos. Cavávamos terra, depois semeávamos, sachávamos e regávamos até estarem as coisas criadas. No fim de estarem criadas, colhíamos-las para casa.



António Francisco, pai de Natalina

O meu pai era empregado no Ministério das Finanças. Quando cá estava de férias e depois quando já estava reformado fazia colheres de pau. Ele fazia as colheres em casa, em baixo na loja. Fazia-as com madeira de pinho. O meu pai e nós íamos buscá-la aos pinhais. Íamos lá em cima buscar carregos para os colhereiros. Para a cortar levávamos as machadas e os serrotes. Cortávamos o pinheiro e depois serrávamos no chão.

Tinha oito irmãos. O mais velho era Armindo, a seguir era o Alfredo, a minha irmã Isaura e eu, a seguir o meu irmão Armando, o Joaquim e o Mário. E uma menina que não chegou a ser baptizada. Nasceu morta.

Lugar "Andava tudo cultivado"

Noutro tempo não havia mato para queimar. Andava tudo limpinho. Nem havia erva aqui. Isto tudo andava parecia passado a ferro. A gente malhávamos o milho numas casas e secávamo-lo aqui nas eiras. Andava tudo assim muito arranjadinho. Agora não.

Aqui estas eiras parecia que andava tudo passado a ferro. Eram todas varridinhas à vassoura. Andava tudo rapado, não havia erva, não havia nada. Andava tudo cultivado. Não havia mato para roçar que a gente trazia tudo rapadinho. Agora não. Às vezes até íamos rapar uma paveia ao vizinho. Uma paveia é um braçado, para fazer um molho. Os molhos tinham ciência para a gente vir com aqueles molhos grandes às costas. Íamos em cima ao alto, onde era baldio, mais longe, que era onde a gente às vezes apanhava o matito melhor.

Para regar o milho, tínhamos poças na Fraga da Pena. Fazíamos ali uma represa. Eu quando ia abri-la para regar, tinha medo que arrombasse. Aquilo por ali fora era tudo terrenos de rega. Dava milho. Tão lindo aquele milho e aqueles feijoados! Hoje está tudo cheio de pinheiros.

Mata da Margarça

A Mata da Margarça dantes dava muita fruta, muito comer, milho, feijão, tudo de tudo. E hoje aquilo é arvoredo, mas tem muita árvore exclusiva. Está uma à porta do café da Comissão que não se vê em parte nenhuma. Antes dava flores só em Maio e agora dá duas vezes no ano. Ela agora até tem flor. É um azereiro.

Na Mata cada um cuidava aquilo que semeava. Lá dava de tudo. Até que a gente cantava:

*Ó Mata da Margarça,
Onde eu tanto trabalhei
Ainda tenho saudades
Do tempo que lá passei.*

As cantigas chegavam daqui não sei aonde!
Eu sei algumas:

*Ó terra dos Pardieiros
Eu nunca te esquecerei
Foi aí que eu nasci*

Foi aí que eu me criei.

*Ó terra dos Pardieiros
És tão linda e tens graça,
Tu tens a Fraga da Pena
E a Mata da Margaraça.*

*Senhora das Necessidades
Quem vos varreu o terreiro
Meninas dos Pardieiros
Com raminhos de Loureiro*

*Senhora das Necessidades
Mora na Lomba do Bujo
Nem que me corram a fogo
Eu daqui é que não fujo*

Nos Pardieiros sei os nomes das ruas todas, temos: a Rua da Carreira, a Rua Torta, a Rua do Vale, o Quelho, algumas nem têm nome.

Bolo das sete gamelas

Cá nos Pardieiros havia fornos de cozer o pão. O forno era do povo. Toda a gente lá ia, primeiro cozia uma, depois cozia outra.

Até havia o bolo das sete gamelas para dar às crianças que andavam aguadas. Íamos a um forno pedíamos das três que andavam a cozer, íamos a outro pedíamos das duas que andavam a cozer. Íamos até termos pão de sete gamelas. Depois, dali fazíamos um pão cozido no forno para o garoto comer. O que ele deixasse dava-se aos cães.

Nos Pardieiros vale a pena ver a Fonte Velha e a Mata da Margaraça. Isto aqui tem um turismo muito lindo, porque gente estrangeira não falta aqui.

Um casal da Holanda

Ainda o ano passado estava um casal da Holanda lá em baixo e eu estava sentada sozinha e eles fizeram-me uma pergunta e eu não lhes sabia responder.

Houve lá um que "arranhava" português e perguntou-me a idade que eu tinha, mas eu não percebia. Depois o outro perguntou-me e então a modo que percebi e eu disse-lhe, mas eles também não me percebiam a mim, a língua. Fiz-lhe com as mãos até aos 90 e depois mostrei-lhe dois e meio e eles bateram palmas. Vieram-me beijar eles e as mulheres e depois aquilo já era tudo uma família. Já nos entendíamos por sinais.

Casa *Uma casa muito jeitosa*

A casa da minha mãe era muito jeitosa. Era na Rua Torta. Tinha por baixo as lojas, onde se metia a lenha, as arcas com o milho, os cântaros das azeitonas a curtir e aquilo tudo. Depois era o primeiro andar, era uma sala e dois quartos. O outro andar tinha a sala, um quarto e a cozinha. O sótão era por cima para pôr coisas que eram precisas, apetrechos.

A gente naquele tempo ia-se lavar à fonte. Não havia casas de banho, não havia sanitas, não havia nada dessas coisas. A gente lavava-se com uns alguidares grandes, punha ali a aguinha quente dentro e lavava-se lá. Eu até tenho um alguidar assim muito grande.

Educação *"As raparigas não precisavam de saber ler"*

Eu não fui para a escola, mas os meus irmãos foram. Fizeram todos o exame da quarta classe. Era equivalente ao quinto de hoje, naquele tempo.

Nesse tempo não queriam que as raparigas aprendessem a ler. Diziam que as raparigas não precisavam.

Nome copiado

Só sabia escrever o meu nome. Isso tem uma história... Uma vez mandaram 5 contos do Brasil para o meu marido levantar, para dar a uma cunhada dele. Mas o meu marido tinha ido para o Norte da Europa e não estava cá para os levantar. Eu fui para os levantar, mas não sabia assinar e não mos deram.

Tinha uma carta do meu marido na mala. Vim cá para fora, no Terreiro do Paço, e no parapeito de uma janela tanto copiei, tanto copiei, que por fim já fazia. Depois fui lá dentro e dirigi-me a um empregado e levantei-o.

Dei o papel ao senhor que está à porta e que preenche os papéis. Depois a gente é que tem de assinar. Mas como eu não sabia assinar, fiz aquela partida. Lá dentro quando foi para levantar o dinheiro chamaram-me e disseram-me:

- "Olhe, a senhora agora assine aqui." - nas traseiras do papel que eu lhe tinha dado.

Eu assinei e ele disse:

- "Olhe, minha senhora, desculpe. Mas sabe porque a gente a chamou? Porque o nome da senhora parece que é copiado."

E eu disse:

- Olhe, o senhor não se engana, porque eu não sei ler. É copiado, é! Mostrei-lhe o cartão de identidade e ele deu-me os 5 contos.



Cartão de identidade de Alfredo Reis, marido de Natalina, da Companhia Nacional de Navegação

"Comecei a ler o jornal"

Aprendi a ler quando o Santa Maria foi apreendido no 25 de Abril. O meu marido andava no Vera Cruz. Porque eles às vezes mudavam de uns barcos para os outros e depois não os deixavam vir. E depois disseram-me:

- "Ai! Vem isto no jornal! Olha, não os deixam vir! Ai, coitadinhos! Morrem lá à fome. Matam-nos! Não os deixam vir!"



Alfredo, marido de Natalina

O meu marido andava lá e eu muito aflita. A minha aflição! Digo assim:

-Ora eu que não sei ler! Ora eu que não aprendi a ler!?

Mas tanto pedi a Deus, tanto pedi a Deus, que comecei a ler o jornal!

Depois eu tinha um primo que me dizia assim:

- "Eh pá! Tu agora és burra, porque queres! Aprendes a ler e aprendes a escrever."

E eu:

-Agora já não me interessa. Da idade que eu tenho, andar agora a aprender na escola já não me interessa.

Mas agora já nem o meu nome sei escrever.

Escola na Senhora da Saúde

A escola era ao pé da Senhora da Saúde. E agora está ao cimo da aldeia.

Os meus irmãos escreviam em pedra lá na escola, em xisto. Arranca-se aí nas pedreiras. Faziam-lhe um aro, em volta, de madeira.

Naquele tempo escreviam com lápis de pedra.

A professora que cá estava era a dona Isaura. Já morreu. Houve mais professoras. Elas até gostavam de cá estar. Esta até foi a que cá esteve mais tempo. Depois reformou-se.

Namoro "*Eu fui sempre muito fidalga no rapaz*"

Nos namoros, umas eram mais malucas. Eu graças a Deus nunca fui. Há aí todo o mundo que diga. Eu fui sempre muito fidalga no rapaz. A minha patroa dizia-me assim:

- "Tu assim nunca te casas rapariga. Tu nunca te casas."

Uma vez, fui à Estação do Rossio levantar uma encomenda que vinha da quinta dos meus patrões, que eles tinham herdades no Alentejo e no Ribatejo. Fui levantar uma encomenda que eram dois perus, que vinha da quinta de Vale de Zebre. Um rapaz foi atrás de mim todo o caminho. Do Rossio para o pé do Marquês de Pombal, com os dois perus. Mas eles vinham os dois numa alcofa, um com a cabeça para um lado e outro com a cabeça para o outro. O rapaz falava, falava mas eu não lhe respondia. Quando eu cheguei à porta é que toquei à campainha, vai ele assim para mim:

- "Olhe menina, nunca vi um peru com duas cabeças só hoje."

Isso nunca me esqueceu!

Eu para namorar, nunca era assim muito namoradeira.

"Está tudo acabado"

Tenho uma história de um, muito engraçada. Eu gostava de um rapaz e ele então gostava muito de mim, que eu naquele tempo era cá uma moça!

A minha mãe tinha as ovelhas por baixo de casa. Todos os dias eu vinha trazer o comer e ele morava atrás dessas casas.

A mãe queria que ele casasse com uma rica. A minha mãe tinha oito filhos! Claro, era pobre, e a dividir um dia por todos. Tinha uns bocadinhos, umas oliveiras e assim. De maneira que um dia a mãe estava a ralar com ele lá em casa e a sogra da minha irmã ouviu e veio-me contar. E disse:

- "Olha que ela estava a ralar, a dizer que ele queria casar com uma rapariga pobre."

Quando ele chegou ao pé de mim, eu disse-lhe:

- Olha, a tua mãe ontem ralhou contigo. Está tudo acabado!

Eu vinha com um molho de milho para as ovelhas e ele estava aqui já à minha espera. Passei e ele disse:

- "Então, não páras?"

Digo-lhe assim:

- Não! Acabou! A tua mãe ontem ralhou contigo e então acabou!

No domingo, andava eu a dançar com uma rapariga e ele veio com um primo dele apartar. Vinha para se agarrar a mim e eu encostei-me à parede da capela e não quis dançar com ele.

- "Olha, já que não queres dançar comigo, vai dançar a pau com os cães!"

Disse ele. E eu disse:

- Está bem! Vou dançar a pau com os cães, mas contigo não!

Daí a 15 dias, tornou a vir apartar. Agarrei-me a ele, levei-o para a roda a rodar e depois larguei-o e disse:

- Cá ando eu a dançar a pau com os cães!

Aí acabou tudo!

"Deixei cair o pano"

Outra vez, estava eu também à janela a sacudir o pano do pó e eu deixei cair o pano. Passou um rapaz, apanhou-mo. E eu desci a escada e fui para ir buscar o pano. Ele trouxe-mo ao fundo da escada. E não mo queria dar. Eu a puxar o pano e ele não mo largava. Digo-lhe eu assim:

- Deixe o pano, se faz favor, vá-o pôr onde estava.

E depois ele deu-me o pano. Daí a uns 15 dias, uma tia minha que morava na Estefânia, estava doente e eu fui para lá para casa dela porque ela tinha um filho e um marido. Não é que eu vejo o homem lá? Era na Vila Luz. Ia eu com o caixote do lixo para pôr ao portão e diz-me ele assim:

- "Ah, a menina agora mora aqui?"

Digo eu:

- Moro, moro já me casei e agora moro aqui.

Havia também um rapaz daqui, que ainda aqui há tempos queria que eu fosse para ao pé dele, nem que fosse só para companhia. E tive um do Sardal também. Esse era de gente que tinha um lagar de fazer azeite ali em baixo nas barrocas. Também não o quis porque ele era muito namorador. Em todas as terras tinha uma namorada.

"O meu destino estava guardado para o meu marido"

O meu destino estava guardado para o meu marido. Foi em Lisboa que o conheci, quando lá estive a servir. Viu-me um dia lá em casa do meu irmão. Fui sacudir o pano do pó à janela e ele ia a passar. Senti por ele o que nunca senti por nenhum.

O meu marido estava em Lisboa, em casa de uma irmã. Estava empregado num hotel, ao pé da Praça do Comércio. Nunca o tinha visto.



Natalina e o marido Alfredo

A sacudir o pano do pó

Um dia, ele ia a passar. Ia atrás de uma rapariga que vinha da Praça da Figueira. Mas depois eu estava à janela, a sacudir o pó e ele olhou para mim e parou. É o destino. Parou. Eu como vi que ele parou, fechei a janela. Mas, fui para outra espreitá-lo por entre a cortina, porque também gostei dele. Há coisas!

Daí a oito dias ia de folga e lá tornava ele a andar debaixo da minha janela. Eu fui para a janela e ele falou para mim e eu disse:

- Eu não conheço o senhor de lado nenhum.

E ele disse-me assim:

- "Eu conheço a menina de há oito dias."

Depois ele disse-me:

- "A menina sai?"

Digo-lhe eu assim:

- Não, não. Eu não saio. Não tenho saídas.

É o destino, gostei dele. Digo-lhe eu:

- Eu só saio ao domingo para ir à missa.

- "E onde é que vai à missa? A São Domingos?"

No Domingo já ele aí estava à minha espera. Lá vou eu para São Domingos, para a missa. Em lugar de irmos para a missa, já não fôramos, fôramos conversar. Nosso Senhor me perdoe, esse dia não fui à missa. E foi assim que começou o namoro.

Casamento "Um vestido e um veuzinho na cabeça"

Eu casei-me com 33 anos. Não era apressada para me casar.

Primeiro pediam-nos a nós em casamento e depois era aos pais. O meu marido disse-me:

- "Olha nós vamo-nos casar e vamos ser felizes os dois."

Foi assim que a gente começou. E fui.



Casamento de Natalina

Eu ia todos os domingos a casa da minha patroa e ela dizia-me assim:

- "Ó Natalina, o teu marido quem o vir na rua diz que é um diplomata."

Digo-lhe eu assim:

- Também, se ele não fosse assim, minha senhora, nunca me casava.

Ele era embarcado. Antes disso, estava na casa dos pais. Trabalhava no campo. O pai tinha um rebanho de gado e ele também o ia guardar, também fazia de pastor.

No dia do meu casamento o meu pai já tinha morrido. Foi em Lisboa.

Levara um vestido e um veuzinho na cabeça. Não era vestido como agora vão. Era um vestido não era bem branco.

Uma cunhada minha fez-me o vestido. Essa é que me fez o fato do casamento.

Ia muito bonita, o que é não era como agora com aqueles véus a varrer o chão. Para quê? Para de hoje a amanhã se largarem um do outro? Que é o que se agora vê.



Natalina Rosa com os pais e o marido numa fazenda em Chaves

A festa foi no Bairro Alto, no restaurante onde trabalhava um rapaz de Chaves, que era muito amigo das gentes do meu marido. Foi lá no restaurante que foi o copo de água. Já não me lembro o que tínhamos para comer. Mas era comida típica de lá. Tudo de lá.

Costumes *Festas, doces e mezinhas*

"Aqui havia mais de 20 colhereiros"

Aqui havia mais de 20 colhereiros! Todos os homens faziam colheres de pau!

Eu sei como se fazem as colheres de pau, mas não as fazia! Primeiro, era com um serrote para serrar. Depois, era uma machada para cortar, uma legre e uma faca, mas à laia de feição. E uma enxó, para escavar.

Íamos levar os carregos ao domingo de madrugada à Esculca. Um carrego de colheres para a Esculca, para ganhar 15 tostões e já não era mau! Daqui à Esculca demorava uma hora a pé, ou mais! E carregada!

À carreira, há-as aos molhos para vender. Vai lá tanta gente de fora comprar aqueles molhinhos delas.

Queijo e requeijão

Para fazer o queijo a gente cõa com uns panos de linho. Coemos o leite para uma panela. Pomos o pano em cima da panela e depois pomos o leite a coalhar lá para dentro. Depois púnhamos a panela ao pé do calor e dentro de água morna para ele coalhar. Púnhamos-lhe o cardo, há aí quem tenha ainda. Eu levei para Chaves e também plantei lá. É a flor do cardo. Moemo-la, muito bem espremida, em água quente, até ficar a água da cor da cinza. Depois coemo-la e misturemos tudo no leite. Depois coalha.

Temos os acinchos, todo cheio de buraquinhos, que é para sair o soro. Tiremos a coalha para pormos o acincho dentro dos pratos fundos e calquemos, calquemos, calquemos. Vamos calcando. Vamos de roda, vamos calcando até estar o acincho cheio. Depois viremo-lo. E depois, pronto, está o queijo feito.

O soro que fica, fervemo-lo e daí se faz o requeijão. Aquilo coalha. Fica tudo em coalhado e a gente depois pomos dentro de uma coisa e calquemos, calquemos. Pronto é o requeijão.

"Uns cozidos malucos"

Aqui na terra era típico, naquele tempo, comer uma panela de sopa boa. Era carne de porco cozida com hortaliça e batatas e nabos. Assim uns cozidos malucos, como a gente os chamava.

Ai, quando era na festa, era um cheirinho por estas ruas. A carne de antigamente cheirava tão bem quando se estava a cozinhar, a de agora não cheira. As comidas de agora, Nosso Senhor me perdoe, mas as comidas de agora não prestam. Quem comeu antigamente e come agora... Eu como por comer.

Festa nos Pardieiros

A festa nos Pardieiros é no último domingo de Junho, em honra de São Nicolau e da Senhora da Saúde.

Antigamente haviam muitos foguetes, muitos foguetes. Daqueles de lágrimas, que deitam aquelas lágrimas. Era muito bonito!

Nessa altura comia-se arroz-doce, tigelada, coscoréis, pães-de-ló, carnes, fressuras, aquelas comidas todas.

As fressuras era arroz com o sangue dos animais. Faziam aquele arroz de fressura. Eu hoje já não como aquele arroz, porque dizem que é pecado a gente comer o sangue dos animais. É muito bom, mas já não como. E o chouriço preto também gosto muito, mas também não como porque também tem sangue e também já vi na Bíblia que é pecado. Também não como.

Para a tigelada batem-se os ovos. As claras a um lado e as gemas ao outro. Depois juntam-se e põe-se-lhe açúcar. Junta-se tudo num tacho e vai para o forno a cozer, num tacho de barro.

Para os coscoréis amassa-se a farinha de trigo bem amassada até ficar a mão limpa. Põe-se-lhe o fermento. Depois fica a levedar. Quando a massa está já crescida grande, frita-se. A gente tira um bocado de massa e estende, estende, estende... Depois de estar estendida, põe na frigideira.

Fazíamos a carne das ovelhas, dos cabritos, assada no forno de cozer o pão.

Havia a procissão. Cá têm muitos andores. Temos os andores: da Senhora da Saúde, de São Nicolau, de Nossa Senhora da Boa Viagem, de São Benedito e de Nossa Senhora de Fátima. Temos muitos!

As mulheres é que os enfeitam. Guardemos os enfeites de uns anos para os outros. E as flores compram-se.

Os andores são levados pelos rapazes e pelas raparigas. Temos uma Irmandade. Os cabeções são verdes e a bata é branca.

É muito linda a procissão! Temos umas varas que parecem de ouro. São umas varas grandes que os homens levam. E bandeiras.

Havia bailes em todas as aldeias. As raparigas e os rapazes iam de umas aldeias para as outras quando era na festa. Agora já nem há bailaricos. Agora as raparigas vão com os rapazes para aqui e para ali brincarem e tudo. A gente, naquele tempo, era tudo no largo. Aquilo era cheio de gente! Dançavam velhos e novos. Já a procissão tinha acabado.

No dia da festa cada um vestia aquilo que tinha, mas era sempre a roupa melhor. Íamos todas preparadas!



Procissão (Pardieiros, 1941)

"Quatro bicas a deitar água"

As pessoas antigamente utilizavam os lavadouros para lavar a roupa. Quatro bicas a deitar água sem nunca parar! Nem têm torneira. E também há um tanque muito grande. Tinha 16 tanques lá dentro. Cada uma tinha dois, que era um para lavar e outro para pôr a roupa para passar em água limpa. Lá em Chaves, não tinha. Eu tinha tanque em casa.

Agora é tudo tem máquinas, mas eu gosto mais da minha roupa lavada à mão.

Púnhamos a roupa à cora. Íamo-la estender nos relveiros, aquilo ali era tudo relva, tudo verdinho. A gente ia ali estender a roupa e ficava ali dois e três dias, de noite e dia. Íamo-la regar, íamo-la molhar e ficava ali à cora. E era assim. Naquele tempo não havia lixívia.

A gente a que tivesse mais suja púnhamos um arzinho de sabão e a que não estivesse púnhamo-la assim à cora.

Doenças curadas com ervas e rezas

Quando as pessoas estavam doentes aqui, nos Pardieiros, tratavam-se com ervas. E faziam bem. Faziam chá. Era erva terrestre, era erva cidreira. Eu sei lá as ervas que para aí havia! Chá da folha da laranjeira, chá da folha da oliveira, eu sei lá.

Se alguém, por exemplo, torcesse um pé curava-se com palavras. A gente chamava-lhes pé "estroncado"¹. Já não me lembra das palavras.

A gerpela também. Eram pernas inchadas, uma coisa muito má. Rezavam:

De onde vem São Pedro?

Venho de Roma.

Que novidades há por lá?

Muita gerpela má.

Com que a curais?

Com óleos santos esfregarás, com farinha branca polvilharás

Gerpela má para diante não mandarás.

¹torcido

E curava!

"Era um dia de festa!"

Eu criei porcos que pesavam 200 e tal quilos. Comiam couves cozidas, nabos, batatas. Dávamos milho cru para eles comerem à tarde e abóboras.

A matança era em Janeiro. Era uma dia de festa!

De manhã, os homens matavam o porco, chamuscavam-no e limpavam. Depois penduravam-no, abriam-no e tiravam-lhe tudo de dentro. Depois almoçava-se. Grelhavam febras e aquilo tudo. As mulheres iam para a ribeira, lá para baixo, lavar as tripas do porco. Depois trazíamo-las, fazíamos-lhe vinha de alhos. E estavam ali três dias.

À noite migávamos a carne. Ficava a carne temperada naquelas gamelas grandes. Depois estavam as tripas lavadinhas e a cheirarem bem, do alho e daquilo, e enchíamos as chouriças. Depois punha-se no caniço a secar oito dias. Conforme o lume, o calor que lhe faziam.

Fazíamos chouriças de carne, de farinha, de polme e de sangue. De polme era a carne migada muito miudinha, gorduras e farinha.

Aqui punham as carnes nas tinas, chamavam-lhes as tinas. Salgavam-nas e punham-nas lá. Na terra do meu marido não. Estendíamo-las assim em cima de coisas de madeira e salpicavam-nas de sal e estava ali assim. Depois pendurávamo-la. Os presuntos perduravam-se na cozinha ao fumo ali um tempo.

Lendas

Eu lembro-me de ouvir falar do João Brandão. Uma vez, à Carreira, ia lá uma pessoa a passar e estava um homem, um João Brandão, muito alto. Ele queria passar e ele estava à frente. Não podia passar. E ele disse:

- "Posso passar?"

E ele alçou a perna e disse:

- "Passarão!"

E ele passou. E depois tornou a pôr a perna para baixo.

Eram coisas que contavam.

Uma vez a uma rapariga um rapaz fez-lhe um filho. Depois o rapaz já não quis casar com ela. O pai da rapariga, como ele não quis casar com a filha, mandou-o matar. Combinou aí com umas pessoas e mandou-o matar. Combinou com ele de irem para a Avilheira que são umas quintas num barroco, e lá passaram a noite. Levaram o rapaz ao engano. Depois lá o mataram e enterraram-no lá. Depois o pai dele, como o filho não aparecia, começou a procurar, foi à

polícia. Ninguém dava razão do rapaz. Até que um dia ele foi para a capela e pediu tanto a Deus:

- "Meus Deus, já que os homens não descobrem a morte do meu filho, Vos peço que descubra o Senhor".

Nessa noite começou-se a formar uma nuvem muito grande ali em frente, por cima da Avilheira, aqui adiante por baixo da Senhora da Saúde. Veio uma trovoadá. Chamavam-lhe uma tromba de água. Veio uma tromba de água que desenterrou o rapaz. E aí soube-se que o tinham matado e mandaram-nos prender.

Migração *Elas a trabalhar a terra e eles em Lisboa*

Os homens dos Pardieiros iam todos embora! As mulheres ficavam aqui a trabalhar a terra e eles iam para Lisboa, ganhar dinheiro a venderem hortaliça pelas ruas e coisas assim, naquele tempo. Lá iam morar todos juntos. Chamavam-lhe as casas de malta.

Os meus irmãos mais velhos, o meu pai levou-os para Lisboa e empregou-os. Um trabalhava no Terreiro do Paço nestas coisas do Estado. Outro era estabelecido no Chiado com a Casa das Utilidades. E outro trabalhava em restaurantes. O mais novo, estava nos Açores na tropa. Estava cada um em seu lado! Os que iam crescendo iam-se indo embora.

Eu também para lá fui quando era solteira. Devia ter os meus vinte e poucos anos, aí uns 23, 24.

"Fui para Lisboa, para casa de uns senhores"

Fui para Lisboa, para casa de uns senhores com uma tia minha, que nasceu aqui e foi criada deles. Foi para lá e lá casou, teve um filho e baptizaram-no. Foi para casa desses senhores que eu fui. Tinha seis criadas. Eu era criada, ajudante de cozinha e fazia o serviço da porta. Aquilo era uma casa muito rica! O irmão do meu patrão era professor, em Almada, no Seminário de lá. O doutor Carlos Azevedo e o senhor doutor Falcão, que é mais que padre em Beja, isto tudo era a família. Era uma família muito boa.

Um dia, quando casou a filha mais nova, em Constância, todas as raparigas queriam ir ao casamento, já eu estava casada, e a minha patroa disse-me:

- "Olha Natalina tens que cá ficar, que elas todas querem ir ao casamento e a casa não pode ficar sozinha."

E eu digo:

- Ai minha senhora, se o meu marido cá estiver fico, mas se ele não estiver não fico.

Ela andava então a telefonar para a companhia, para saber quando chegava o barco.



Natalina (Lisboa, Maio de 1941)

Depois um dia telefonou para casa do meu tio a dizer:

- "Olhe, a Natalina, o marido chega tal dia e ela está cá. Ela que venha cá falar comigo."

Lá fui eu, para lá ficar. Foram todas para o casamento e eu fiquei a tomar conta na casa. Quando o meu patrão veio, diz-me ele assim:

- "Ó rapariga, o que é que tu me roubaste cá em casa?"

Digo-lhe eu assim:

- Estive para lhe roubar uma garrafa de vinagre, mas depois tive medo e era pecado, nem lha roubei.

- "Então agora vais levar um garrafão de 5 litros."



Natalina

Depois fui morar para Chaves quando me casei. Eu queria vir para os Pardieiros. Ele queria lá. E o meu marido um dia disse-me assim:

- "Olha, vamos fazer um contrato."

Eu disse- lhe:

- Quero a casa na minha terra. A tua é de muito longe.

E ele disse-me:

- "Então vamos fazer um contrato. Se fizermos a casa na tua terra, tu tens que me governar a mim. E se fizermos na minha, tenho eu que te governar a ti."

E eu disse:

- Então, vamos para a tua!

É que lá as mulheres são umas fidalgas. Lá se quiserem ir buscar um molhito de erva, ou de labrestos para os coelhos, levam a burra para trazer aquilo em cima da burra. E ainda vêm elas. Ou vêm no tractor. Não carregam com nada. E o trabalho é todo feito à máquina.

O meu marido fazia a sementeira de um terreno que lá tinha que dava aos 90 e aos 80 alqueires de centeio. Ele ia fazer a sementeira e eu não dava por isso. Chegava a casa e dizia:

- "Olha, a candeia já está semeada."

- Ah! Então como é? E a semente?

- "Passou aqui o tractor. Pus-lhe os sacos da semente. Fui-o semear. Olha, já está!"

Lá era assim. E aqui? Como era? Tínhamos que cavar a terra. Tínhamos que o semear. Tínhamos que atupir a terra. Era diferente. E carreguemos com tudo.

Em Chaves eu cheguei a ter 70 cabeças de ovelhas. Fazia dois queijos por dia. Queijos grandes. Tinha uma cunhada que tinha nove filhos, muito queijinho comiam! Lá nem sabiam mugir as ovelhas. Eu é que as ensinei. Depois, então, fazia o queijo. E eles, coitaditos, algum queijo comeram. É assim a vida.

Voltei para os Pardieiros porque o meu marido morreu e eu já lá estava há 13 anos sozinha, com a família dele. Os meus sobrinhos iam-me lá visitar. E depois a minha sobrinha convenceu-me a vir para aqui para casa dela e eu vendi tudo e vim.

Quando cheguei estava tudo mais modificado, mais modernizado.

Percurso profissional *A gente naquele tempo sabia fazer tudo*

As mulheres iam ao dia fora. Íamos sachar para uma, íamos trabalhar para outra.

Fui roçar muito molho de mato na serra e vinha com o molho às costas. Para fazer a cama das ovelhas.

Levávamos as ovelhas à tarde. De manhã dejejuávamo-las, como se dizia, e depois à tarde é que íamos. Dejejuar as ovelhas era ir estrumá-las com o mato. Elas roíam o mato e púnhamos-lhe rama do milho seca. Da que se seca no Verão. E depois à tarde íamos deitá-las.

Quando ia guardar as ovelhas levava um cesto e bordava.

Tosquiávamos as ovelhas quando era no Verão, em Maio. E vendíamos a lã. Vinham cá buscá-la. Andavam pelas terras à procura dela para comprar.

"A minha mãe não nos deixava andar na "boa vai ela" "

Cá poucas eram habilidosas como eu e a minha irmã. A minha mãe não nos deixava andar na "boa vai ela"! A gente ao domingo ia para a Esculca de madrugada levar um carregado de colheres. Vínhamos de lá, chegávamos à Benfeita, estavam a rezar a missa e íamos ouvir a missa. Depois vínhamos para cima, íamos dejejuar as ovelhas. Chegávamos a casa, comíamos e íamos para a fonte lavar a roupa da semana para vestir na segunda-feira outra vez. À tarde, quando já estava enxuta, eu e a minha irmã, uma passava a ferro e a outra ponteava e fundilhava umas calças de homem. Que nem o alfaiate as fundilhava melhor! Porque a minha mãe ensinava a gente. Então à tardinha, a minha mãe dizia assim:

- "Pronto, vão lá agora um bocado."

E eu às vezes arrelhada dizia:

- Agora também já não vou. Naquele tempo era assim. Passávamos o dia a trabalhar. Os homens iam para a taberna jogar às cartas.

A gente naquele tempo sabia fazer tudo. As raparigas agora nem um botão sabem pregar.

Pedra para a escola

Para fazer a escola acartávamos nós a pedra. Ganhávamos 4 escudos por dia. Umhas vezes íamos para cima, para a Terra Grande. A pedra miúda vinha em cestas e a grande vinha uma em cima de outra. À cabeça, com rodilhas. Eu fazia rodilhas tão lindas! Ainda um dia hei-de fazer uma rodilha.

Pessoas "*Doutor Vasco de Campos e o tio Zé Augusto Pinto*"

Nós tínhamos um médico que era o doutor Vasco de Campos e o tio Zé Augusto Pinto que era um homem da Benfeita. Esse é que era. Esse era como um médico! Era barbeiro, mas fazia coisas... Até operou a minha mãe.

Correu estas terras todas a cavalo numa burra. Quando era um pobre que não tinha dinheiro, ele dava-lhe os medicamentos. Era um santo homem! Ainda hoje tudo fala nele. Era um santo homem!

Lazer *Bordados, cantigas e teatro*

Rancho dos Pardieiros

Eu pertenci ao rancho. As nossas roupas eram saias plissadas. Usávamos com as combinações por baixo. Eu tinha uma muito linda e dei-a. Agora tenho-me arrependido. Se fosse hoje não as dava, mas dei-as.

Eu nunca ia dançar às outras terras porque a minha mãe não nos deixava ir, mas muitas iam. A minha mãe não nos deixava andar assim.

Também cantávamos. Cantávamos a "Aldeia dos Pardieiros" e "Deste-me uma pêra verde para amadurar":

*Deste-me uma pêra verde para eu amadurar
Pêra, ó de verde pêra, você não me há-de enganar
Você não me há-de enganar, você não me engana não
Pêra, ó de verde pêra amor do meu coração.*

Era assim.

Teatros da dona Isaura

Também fiz teatro. Eram peças de teatro. Eu fiz uma com um rapaz que era assim: eu a passar a ferro e depois cantava assim:

- Mas ó que treta que têm os rapazes, de tudo são capazes de dar uma volta à pinha, não se derreta com a sua lábia manha escorrega que é manteiga e cai que nem galinha.

E depois pousava o ferro e dizia:

- Ai ai o que cerrou as minhas esperanças em casar, mas quem é que há de querer rapariga pobre e de mais a mais orfã de mãe e pai?

Depois vinha o rapaz:

- "Quero-a eu menina Mariana se porventura lhe agradar este meu físico."

E eu dizia-lhe:

- Tu pobre Aleixo, desculpa o que eu te digo, mas não és marido que eu imagino.

Mas dizia ele:

- "Ah, bem sei que o marido que a menina imagina é um homem alto de bigode louro e que usa robone e badine e curto da vista."

E eu dizia:

- Não penses que eu vou procurar um desses ingentes para meu marido, eu procuro é um homem honesto e honrado que vive honradamente do seu trabalho.

E ele:

- "Então nesse caso aqui estou eu menina Mariana."

E eu dizia-lhe assim:

- Deixa-te de coisas vai-me buscar as compras, vai buscar o cesto que está no canto, bruto.

E ele então ia a andar por ali à procura e então dizia-me:

- "Ó menina Mariana onde é o canto bruto?"

- O canto é aquele e o bruto és tu!

E ia-se embora. Depois vinha uma carta do Brasil de preto e ele dizia:

- "Ai uma carta para o Aleixo e vem do Brasil, vou a ler a ver o que é que diz:

- E depois vou a ver e "Morreu o seu tio Barnabé Dias a fortuna é de dois mil contos e o seu universal herdeiro André Fernandes". Ai o Aleixo com tanto dinheiro e eu sem nada.

Nisto entra ele e eu dizia:

- Ó Aleixo tens aqui uma carta. Toma e lê.

- "Leia a menina, bem sabe que eu não sei ler."

Ele vinha zangado de eu lhe ter chamado bruto. E depois eu comecei a ler:

- Excelentíssimo Ilustríssimo Senhor Aleixo Dias de Sousa.

E ele dizia:

- "É como eles tratam um politico."

- Participo-lhe que deu a alma ao criador, seu tio...

- "Criador de cabras e ovelhas"

Dizia ele:

O seu tio Barnabé Dias Malte de Sousa nomeou seu universal herdeiro André Fernandes."

E aí começava ele:

- "Ai! Ai meu rico tio."

Aí já era meu rico tio, depois dizia:

- Toma agora lá Aleixo, vai levantar a fortuna que é de dois mil contos.

Aí, ele ficava maluco. Depois o Aleixo vai levantar o dinheiro e depois:

"Ó dona Mariana e agora como é que se levanta o dinheiro?"

É com as mãos.

E ele dizia assim:

"Olhe que era com as mãos já eu sabia."

E vai-se embora. Depois daí a nada vem ele todo preparado, de óculos, de bengala. Eu nessa altura já não estava no palco, estava ele sozinho.

- A Mariana me vendo concerteza inveja tem, mas já que me chamou bruto, bruto é quem não tem ninguém.

Era a professora que cá estava é que nos ensinava, a dona Isaura. Já morreu.



Natalina

"Só andava bem de agulha na mão"

Eu fiz alguns trinta e tal tapetes de arraiolos. Fazia de cabeça. À toa. Uns tirei de um livro, o resto era tudo de cabeça. Aprendi a dar o ponto e depois fazia-os da minha cabeça. Ensinou-me a minha irmã que era mais velha do que eu. A minha sobrinha também tem coisas muito lindas que a mãe fazia.

Ainda fiz umas almofadas para o meu casamento. Naquele tempo usavam-se pequeninas. Eu não as uso porque são pequenas, as de agora são grandes. Mas é uma recordação.

Naquele tempo usavam entre camas. Era uma coisa à frente da cama. Tapava a frente da cama até ao chão. Chamavam-lhe entre camas. Entalava-se entre os colchões. O lençol fiz também com raminhos e com a mesma bainha das almofadas. Rendas lindas que eu fazia! Tenho jogos de naperons muito lindos. Até cortinas de rendas para a janela eu tinha na minha casa. Aí que nunca me esqueço. E colchas! Tenho uma colcha de renda muito linda, que eu fiz. Mas está tudo metido nas arcas. Até tenho uma toalhinha bordada com os bonecos dos ranchos. E é muito gira a toalha, mas também está para aí metida nas malas, não sei onde.

Eu só andava bem de agulha na mão. Fazia cercaduras, flores, tudo. Agora já não faço. Já tudo tem tanta coisa que já nem rompem o que têm. Dei quase tudo. Eu era muito amiga de dar. O meu marido às vezes dizia-me assim:

- "Ó mulher se eu morrer primeiro que tu, tu morres na miséria porque dás tudo."

Dizia-me muitas vezes isso:

- "Não dês isso"

Eu só estava bem assim. Aquilo que entendia dava, não gosto de aferrolhar. Não gosto.

Religião "*Eu tenho muita fé em Deus!*"

Eu tenho muita fé em Deus! Eu já estive para ser operada duas vezes e nunca fui, porque eu peço. Uma curei-a de uma queda. E aprender a ler foi outro milagre.

O meu joelho inchado enchia a mão e o médico era assim:

- "A senhora tem que ser operada!"

O meu marido um dia disse-me assim:

- "Olha, se não fores a bem, vais a mal."

Para eu ser operada.

E eu digo-lhe:

- Ai, não, Alfredo, não vou.

Ele foi para o quintal regar os feijões e eu fiquei em casa. Eu fui para o quarto, chorei, chorei, pedi a Deus, falei com Deus do meu coração! Depois fui à casa de banho, lavei a cara, para ele não ver que eu chorei. Desci as escadas, abri o portão, fui para a rua. Cheguei adiante e não sei como foi aquilo. Foi uma coisa fantástica! Caí, bati com o joelho no chão, ficou-me o joelho tal qual como eu o tinha dantes.

Chego adiante, vou para o pé do meu marido, diz-me ele assim:

- "Que é que tens, que vens tão pálida?"

Digo-lhe eu:

- Ai, Alfredo, o que me aconteceu! Olha, cá ali à porta da Angelina... Olha para o meu joelho!

E ele ficou:

- "Ah! Agora é que tens de ir ao médico. Se calhar era líquido e espalhaste no sangue!"

Digo-lhe assim:

- Não, agora é que eu não vou!

Até hoje. Nem esfolei o joelho, nem se fez negro, nadinha!

Também me queriam operar aqui, mas eu também não quis. E o médico que me queria operar já morreu e eu ainda cá ando.



Natalina com sobrinhos netos

Quotidiano "Só cá ficam os velhos"

Hoje só há duas pessoas que têm animais. Há aí uma que tem duas cabras e há outro também que tem. De resto ninguém tem. A que tem as cabras é para fazer queijo.

Agora levanto-me, como o pequeno almoço e arrumo o meu quarto. Depois do almoço vamos para a Casa do Povo e ali estamos entretidas. Conversamos umas com as outras.

Agora vai-se tudo embora. Só cá ficam os velhos. Em geral os que cá ficam são os de idade, que já não vão para a cidade e as viúvas.

Agora moro em Odivelas com os meus sobrinhos: o meu sobrinho e com a mulher. Mas eu gostava mais daqui, mas também sozinha não estou bem. O meu sobrinho é filho da minha irmã, que já morreu. Que Nosso Senhor a tenha em descanso! Eles têm três filhos e três noras e têm um neto e uma neta.

Quando eles vêm aos Pardieiros passar uns dias de férias venho com eles.

Agora vêm para cá muitos estrangeiros comprar quintas abandonadas que estavam para aí. Vêm para cá comprá-las. Vieram três casais compraram uma quinta. Chamam-lhe a Quinta da Misarela e já lá têm semeado tudo. Vão fazer ali um povoado, dizem eles.

Sonhos "Saber mandar naquilo que é preciso"

Gostava de aprender a ler e formar-me e saber mandar naquilo que é preciso. Porque eu às vezes revolto-me com o que se passam na televisão. Porque hoje não há ninguém que saiba mandar. Todos querem mandar e nenhum sabe.

Avaliação "É preciso saber o que se passou"

Acho que é bom este trabalho. É preciso saber o que se passou em Portugal e sabermos o que se passa nas outras terras. Há coisas que eu não sei responder, que não tenho sabedoria para isso. Que sejam muito felizes, que Deus vos dê tudo de bom!